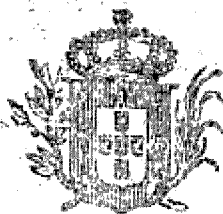


GAZETA
DE J ADO RIO
NEIRO.

QUARTA FEIRA 22 DE JUNHO DE 1814.

*Doctrina . . . vim promouet insitam,
Rectique cultus pectora roborant. H. G. R. A. T.*

Paris 11 de Abril.

HOJE ás 8 horas da noite *Monseigneur* recebeu o Senado e o Corpo Legislativo.

O Senado foi apresentado a S. A. R. pelo Principe de Benevento, seu Presidente, que disse:

Monseigneur: O Senado traz a V. A. R. a offerta da sua mais respeitosa submissão: elle convidou vossa Augusta Casa a voltar ao throno da França; muito bem instituido pelo presente e pelo passado, elle deseja, de mãos dadas com a nação, encontrar para sempre a authoridade Real em huma justa divisão de poder, e na publica liberdade, que são as unicas seguranças da felicidade e liberdade de todos.

Monseigneur, o Senado nos momentos da publica alegria obrigado a ficar aparentemente mais tranquillo nos limites do seu dever, não toma menor parte nos universaes sentimentos do povo. Vossa Alteza Real lerá nos nossos corções por entre a reserva da nossa liguagem, que todos nós, como *Francezes*, concordamos n' aquelles sentimentos e profundas emoções que vos tem acompanhado desde a vossa entrada na Capital de vossos maiores, e que estão ainda mais vivos debaixo do tecto deste Palacio, ao qual voltarão finalmente a esperanza e a alegria com hum descendente de *S. Luiz e de Henrique IV.*

Quanto a mim, *Monseigneur*, permiti-me que me congratule de ser o orgão do Senado, que me escolheu para ser o inteprete dos seus sentimentos a V. A. R. O Senado, sabendo a minha affeição aos seus Membros, houve por bem reservar para mim hum momento delicioso e honroso: com effeito os mais deliciosos são aquelles, em que nos chegamos a V. A. R. para repetir-vos as expressões do nosso respeito e do nosso amor.

O Decreto do Senado he o seguinte:
Extracto do Diario do Senado. Terça feira 14 de Abril.

O Senado deliberando sobre a proposta do Governo Provisional, depois de ter ouvido a informação de huma Junta de 17 Membros, Decretou o seguinte.

O Senado entrega o Governo Provisional de França a S. A. R. o Conde de Artois, debaixo do titulo de Tenente General do Reino, em quanto *Luiz Estanislau Xavier de França* não aceitar a Constituição.

O Senado resolve que o Decreto deste dia respectivo ao Governo Provisional da França seja esta noite appresentado pelo Senado em Corpo a S. A. R. o Conde de Artois.

O Presidente e Secretários.
(Assignados) Principe de Benevento.
Conde de Valence.
Conde de Pastoret.

Sua Alteza Real respondeu.

Senhores. Estou sciente do Decreto Constitucional, que torna a chamar ao throno da França o Rei meu Augusto Irmão. Eu não recebi delle o poder de aceitar a Constituição, mas conheço seus sentimentos e seus principios, e não temo que elle me desminta, quando vos affirmo em seu nome que elle admittirá a base della. O Rei declarando que manteria a actual fórma de Governo, reconheceu que a Monarquia deve ser equilibrada por hum Governo representativo dividido em duas Camaras: estas duas Camaras são o Senado e a Camara dos Deputados dos Departamentos; que os tributos devem ser livremente concedidos pelos Representantes da nação, a liberdade publica e particular segura, a franqueza da Prensa respeitada com as restricções necessarias para a ordem publi-

ca e tranquillidade, a liberdade do culto garantida, que a propriedade deve ser inviolavel e sagrada, os Ministros responsaveis, sujeitos a serem accusados, e processados pelos Representantes da nação.

Que os Juizes serão vitalicios, o poder judicial independente, não sendo alguém sujeito a ser julgado por outro que não seja seu natural Juiz. que a divida publica sera garantida, as pensões, dignidades, honras militares serão conservadas, e igualmente a nova e a antiga nobreza, a legião de honra mantida, o Rei fixará a sua insignia: que todo o *Francez* será capaz de empregos civis e militares, que nenhum individuo será obrigado a dar conta de suas opiniões, nem dos seus votos, e que a venda dos estados nacionaes será irrevo-gavel.

Estas são, Senhores (me parece) as bases que são essenciaes e necessarias para segurar todos os direitos, traçar todos os deveres, segurar a continuação de todas as instituições existentes, e garantir a vossa futura situação.

Depois deste discurso Sua Alteza Real acrescentou.

Eu vos agradeço em nome do Rei meu irmão a parte que haveis tido na volta de nosso legitimo Soberano, e haverdes desta maneira segurado a felicidade da *França*, á qual o Rei e toda a sua familia estão prontos a sacrificar o seu sangue. Não pode haver mais differença alguma de sentimentos entre nós, não nos lembremos mais do passado; de hoje em diante seremos huma nação de irmãos: em todo o tempo, que eu tiver em minhas mãos o poder, que espero sera muito breve, empregarei todos os meus esforços em trabalhar pela publica felicidade.

Hum dos Membros do Senado exclamou — Este ha hum verdadeiro descendente de *Henrique IV.*

O seu sangue, respondeu *Monsieur*, realmente corre em minhas veias. Eu quisera ter os seus talentos, mas seguramente tenho o seu coração, e o seu amor aos *Francezes*.

Depois do Senado, os Membros do Corpo Legislativo, que estavam em *Paris* ao tempo do feliz acontecimento, que nos restitue nosso Rei, e os Deputados dos Departamentos vizinhos, que prontamente apparecerão em *Paris*, forão admittidos a huma audiência de Sua Alteza Real. Mr. *Felix Faulcon*, Vice Presidente, fallou da maneira seguinte:

Monsieur. — As dilatadas desgraças que opprimirão a *França* chegarão finalmente ao seu termo. O throno será outra vez occupado pelos descendentes daquella bom *Henrique*, de que se gaba o povo *Francez*, comprizando-se em chama-lo seu, e o Corpo Legislativo tom a felicidade de ex-

pressar hoje a Vossa Alteza Real a alegria e as esperanças da nação.

As profundas feridas do nosso paiz só podem ser curadas pelo concurso tutelar da vontade de todos. Não imitis divisões; Vossa Alteza Real o disse ao primeiro passo que deu nesta Capital. Era digno de Vossa Alteza Real pronunciar estas doces palavras, que já fizerão echo em todos os corações.

Monsieur expressou a sua fortuna em estar no meio dos Representantes do povo *Francez*. Somos todos *Francezes*, diz Sua Alteza Real, somos todos irmãos. O Rei chegou bem depressa, a sua única felicidade sera segurar a felicidade da *França*, fazer esquecer suas passadas desgraças; pensamos unicamente do futuro. Eu vos dou os parabens, Senhores do Corpo Legislativo da vossa animosa resistencia á tyrannia, quando ella era ainda muito perigosa. A final somos todos *Francezes*.

A falla de Sua Alteza Real foi seguida por universaes aclamações. Os Deputados dos Departamentos referirão a Seus Concidadãos as vivas impressões, que experimentarão, ao dirigirem pela primeira vez os dezejos da *França* a hum descendente dos nossos Reis no Palacio de *Luis XIV.*

Champagni, Duque de *Cadore*; *Savary*, Duque de *Rovigo*, e o Conde *Molé* estão em *Paris* e derão seu consentimento.

Proclamação do Conselho Geral do Departamento do Sena e do Conselho Municipal de *Paris*.

Habitantes de *Paris*! — Os vossos Magistrados serião traidores a vós e á patria, se elles despidos de vistas pessoas, suffocassem por mais tempo a voz da sua consciencia.

Esta voz lhes brada que vós deveis attribuir a hum homem todos os males, que vos opprimem.

He elle quem todos os annos vos tira por conscripções o dizimo das vossas familias. Qual de vós não tem perdido hum filho, hum irmão, hum parente, ou hum amigo? Por amor de quem morrerão esses homens valorosos? Só por amor delle, e não pela sua patria. Por que motivo? Forão sacrificados, absolutamente sacrificados para eternizar a memoria, a demencia do mais terrivel tyranno que jámais opprimio a especie humana.

He elle quem em vez de 800 milhões, que a *França* pagava no governo de nossos bons e antigos Reis para serem livres, felizes, e tranquillos, a carregou de 1500 milhões ameaçando ainda augmentar mais aquelle pezo. He elle quem nos fexou os mares de ambos os hemisferios, que aniquilou todos os mananciaes da prosperidade nacional, arrancou os lavradores dos nossos campos, os obreiros das nossas manufacturas. A elle deve:

mos o odio das nações; sem o havermos merecido; porque nós, bem como elles, temos sido mais victimas infelizes, do que tristes instrumentos de sua raiva.

Não he elle o homem, que desprezando todas as cousas, que os homens reputao sagradas, reteve em prisão o veneravel Chete da nossa religião? Não he elle quem por huma detestavel traição esbulhou hum Rei, seu alliado, dos seus dominios, e entregou a nação *Hispanhola*, nossa antiga e fiel amiga, aos horrores da desolação? Não he elle quem trouxe os inimigos ás portas de seus illudidos vassallos, depois de recusar huma paz honrosa, em que a nossa desgraçada patria ao menos tomaria folego por algum tempo; e finalmente não deu elle a escandalosa ordem á Guarda nacional para expôr-se inutilmente á impracticavel defeza da Capital, sobre a qual desafiava daquella maneira toda a vingança do inimigo?

Finalmente não he elle que, nada temendo tanto como a verdade, despedio ignominiosamente os nossos Legisladores, á vista de toda a *Europa*, porque tiveram a liberdade de dizer-lhe a verdade, com igual moderação que dignidade?

Porém o que vem a ser sacrificar hum pequeno numero de pessoas á sua vingança pessoal, quando elle sacrificou a *França* — a *França* dizemos nós? — toda a *Europa* á sua illimitada ambição? Ambição, ou vingança, he indifferente. Seja o que for; vede as consequencias: vede todo o Continente da *Europa* coberto de montões de ossos dos *Francezes*; e do povo que nada tinha que exigir hum do outro, e que não devião aborrecer-se; cuja distancia reciproca excluia todas as differenças, e que elle só metteu na guerra, para encher o mundo do seu nome.

Que diremos de suas passadas conquistas? Que bem nos tem ellas feito? O odio das outras nações, os suspiros das nossas familias, o forçado celibato de nossas filhas, a viuvez intempestiva de nossas mulheres, a aniquilação de todos os ricos, a desesperação dos pais, que de huma numerosa descendencia não tem hum só filho para fechar seus olhos; eis-aqui o que nós ganhámos com as suas conquistas. Ellas forão as que dentro das nossas mesmas moralthas (que nunca forão conquistadas debaixo da protecção paternal dos nossos Reis) animarão os estrangeiros de valor, cujo protecção generosa, requer a nossa gratidão, em quanto nos comprazemos de offerecer-lhes huma alliança desinteressada.

Não ha hum só de vós, que no seu coração não o deteste como hum inimigo publico: nenhum que em seus secretos pensamentos não tenha muitas vezes desejado ver finalmente acabadas tantas crueldades desnecessarias.

Seríamos traidores á causa publica, se hesitassimos em declarar os votos de vossos corações, e dos vozes.

A *Europa* em armas convida a isso, ella o pede, como hum beneficio para a humanidade; como hum penhor de huma paz geral e duravel. Povo de *Paris*! A *Europa* em armas não conseguira de vossos Magistrados este voto, se elle não coincidasse com os seus deveres.

Mas em rene desses mesmos deveres, e na verdade dos mais sagrados delles, he que nós renunciamos á fidelidade jurada ao usurpador, e tornamos aos nossos legitimos Soberanos.

Se he perigoso seguir este impulso do coração, e da consciencia, nós nos sujeitamos a este perigo; a historia e a gratidão dos *Francezes*, conservarão os nossos nomes, e os mandarão como herança á veneração da posteridade.

Resolveu-se, Que o Conselho Geral do Departamento do Sena, e o Conselho Municipal de *Paris*, voluntariamente junto declara, com a unanimidade de todos os Membros presentes, que renuncião solemnemente a toda a obediencia a *Napoleão Bonaparte*, que dezejam solemnemente, que o governo Monarquico seja restabelecido na pessoa de *Luiz XVIII* e seus legitimos Successores.

Resolveu-se, Que esta declaração e a proclamação, que explica os seus fundamentos, seja impressa em *Paris*, affixada, enviada a todas as autoridades, que residem em *Paris* e no departamento, e transmittida aos conselhos municipaes de todos os departamentos.

Dado no Conselho Geral em *Paris*, na Camara I de Abril de 1814.

(Assignado)

Badenier.

Rio de Janeiro.

Por noticias modernamente chegadas nos conta que *Luiz XVIII* sahira de *Lomres*, acompanhado das pessoas mais distintas, e embarcath em *Doveres* a bordo da *Galiota Reals* commandada por S. A. R. o Duque de *Clarence*; que felizmente chegara a *Calais*, onde foi recebido com os maiores applausos.

Bonaparte tinha já sahido para *Elda*.

Dá-se por certa huma grande batalha nas vizinhanças de *Toulouse*, onde os *Francezes* perderão muita gente, artilharia e bagagens, e fugirão desordenadamente, hindo-lhe no alcance a cavalleria dos *Alliados*.

O Bergantim *Especulador*, vindo de *S. Thomé*, trouxe 6 marinheiros do Bergantim *Princesa*, pertencentes a *Francisco José Lisboa*, Negociante da *Bahia*, que se incendiou no rio do *Galão*.

Havendo hum armistício suspendido todas as hostilidades até a conclusão da paz geral, e sendo a liberdade do Commercio hum dos mais sazoados fructos do mesmo armistício, O Principe Regente Nosso Senhor houve por bem franquear nos portos dos Seus Estados a entrada de navios de qualquer nação; e igualmente permittir aos seus Fieis Vassallos a liberdade de mandarem as suas embarcações para qualquer porto estrangeiro.

Sendo chegada a esta Corte a prospera noticia da feliz restauração do throno da França, e

NOTICIAS MARITIMAS.

ENTRADAS.

Dia 17 de Junho. — Gibraltar; 65 dias; G. Ingleza, *Enterprise*, M. John Miller, C. a Miller, e C.^a, vinho. — Alicante; 69 dias; B. Sueco, *Adonis*, M. J. G. Mollen, C. ao dito, dito. — Pernambuco; 19 dias; B. Santa Rita, M. José Soares Leça, C. ao M., sal, e fazendas. — S. Thomé; 30 dias; B. Especulador, M. Thomas de Souza Mendes, C. a Manoel Teixeira de Carvalho, escravos. — Rio de S. João; 4 dias; L. Boa Sorte, M. Francisco Xavier Chaves, C. a Francisco Ferreira Machado, madeira.

Dia 18 dito. — Babia; 15 dias; E. Pandura, Com. o 1.^o Ten. Victorino Antonio José Gregório. — Dito; 26 dias; L. Bom Fim, M. Antonio da Silveira Linhares, C. a Antonio Gomes Barrozo; sal; amarras, e vidros. — Tagoabi; 4 dias; L. S. João Baptista, M. Antonio Pereira, C. ao M., caffè, e arroz.

Dia 19 dito. — Rio de Prata; 28 dias; G. Ingleza, *Hope*, Com. Blisk, pelles; (era Americana, foi apresada pela Fragata Ingleza *Nereis*). — Ilha Grande; 1 dia; B. Furão, M. Elias de Rezende, cal á Fazenda Real. — Bahia; 20 dias; B. Hespanhol, *Assumpcion*, M. José Currih, C. ao M., vinho, azeite, azeitonas, papel, alcaparras, e agoardente. — Laguna; 17 dias; S. Libertina, M. Manoel José de Beça, C. a João Teixeira Magalhães, milho, feijão, trigo, mondovi, e peixe. — Rio de S. João; 3 dias; L. Santo Antonio, M. Feliciano Antonio, C. a Antonio José de Siqueira, madeira. — Tagoabi; 8 dias; L. S. José, M. Manoel Antonio, C. ao M., arroz, e caffè.

da suspensão de hostilidades, Determinou S. A. R. dar a DEOS as devidas graças por tão assignatido beneficio, baixando á Sua Real Capella no dia 19, acompanhado da Sua Corte, onde fez celebrar huma Missa Solemne cantada pelos Musicos da Sua Real Camara e pelos da Capella; a qual se seguiu huma eloquente Oração, findada com o *Te Deum*, cantado pelo mesmos Musicos.

Nesta noite e nas duas seguintes esteve illuminada a Cidade e navios ancorados no porto; e as fortalezas derão as salvas do costume.

No dia 21 houve grande parada no largo do Paço.

Dia 20 dito. — Rio Grande; 18 dias; S. Santo Antonio Brilhante, M. João Antonio de Freitas, C. a Antonio Pereira da Fonseca, carne, couros, trigo, e sebo. — Santos; 17 dias; S. Santa Anna, M. Pedro Gonçalves dos Santos, C. a Manoel Moreira Lirio, assucar. — Parati; 12 dias; L. Senhora do Carmo, M. Antonio Baltasar de Souza, C. ao M., agoardente, assucar, arroz, e caffè. — S. Mathens; 30 dias; L. Felicidade, M. Elias Antonio, C. a João Manoel Montenegro, farinha.

SAHIDAS.

Dia 17 de Junho. — Porto; G. Almirante, M. Manoel Fernandes Roa, generos do paiz. — Angola; G. Olimpia, M. José Leite da Silva, fazendas. — Moçambique; B. Esgueira, M. Jeronimo Domingues, fazendas.

Dia 18 dito. — Benguela; B. Mercurio, M. Francisco José Martins, fazendas. — Capitania; L. Bom Jardim, M. José Pinto Rapozo, lastro. — Campos; L. Santa Rita, M. Antonio João, lastro. — Dito; L. S. José Andorinha, M. Domingos Gonsalves, lastro.

Dia 19 dito. — (*Nenbrma Sabida*)

Dia 20 dito. — Cabo da Boa Esperança; B. de Guerra Inglez Elk, Com. J. B. Ceuran. — Macdo; B. Trajano, M. Domingos Monteiro Salazar, lastro. — Rio Grande; E. Enfrasia, M. Ludovico José Barão, sal. — Dito; S. S. Lourenço, M. Manoel José da Silva, lastro. — Pernagoá; S. Estrella Brilhante, M. João Mauricio de Oliveira, lastro. — Rio de S. João; L. Senhora do Amparó; M. Joaquim Mariano, lastro.

AVISOS.

Na loja da Gazeta se achão os Retractos de Alexandre I. Imperador de todas as Russias, por 2560, em buril fino, e de Pio VII. por 1280 réis.

Pela Administração Geral do Correio Maritimo desta Corte se faz público, que sahirão as Embarcações seguintes: a 25 de Junho: para o Rio Grande, e Santa Catharina, B. Hercules, M. Luiz Furado Rapozo: a 29 para o Rio Grande, S. Estrella; M. Manoel Gonçalves Chaves: a 1 de Julho: para Lisboa, B. Vasco da Gama, M. João Baptista Coelho: para Vianna, G. Sociedade Feliz Cap. José Soutinho. As cartas serão lançadas no Correio até ás 4 horas da tarde dos dias antecedentes.